

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA

FLÁVIO LIMA

**A CAPOEIRA COMO PRÁTICA EDUCATIVA PARA O ENSINO DA
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: vamos capoeirar
com o Projeto “Ginga Juazeirinho” (Juazeirinho-PB)**

JOÃO PESSOA – PB
2021

FLÁVIO LIMA

**A CAPOEIRA COMO PRÁTICA EDUCATIVA PARA O ENSINO DA
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: vamos capoeirar
com o Projeto “Ginga Juazeirinho” (Juazeirinho-PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Pedagogia à
distância, da Universidade Federal da Paraíba,
em cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira

JOÃO PESSOA – PB
2021

Catálogo na publicação Seção de Catalogação e Classificação

L732c Lima, Flávio.

A capoeira como prática educativa para o ensino da educação das relações étnico-raciais: vamos capoeirar com o Projeto "Ginga Juazeirinho" (Juazeirinho-PB) / Flávio Lima. - João Pessoa, 2021.
42 f. : il.

Orientação: Ana Paula Romão de Souza Ferreira.
TCC (Graduação em Pedagogia - modalidade a distância)
- UFPB/CE.

1. Capoeira. 2. Educação étnico-racial. 3. Cultura.
I. Ferreira, Ana Paula Romão de Souza. II. Título.

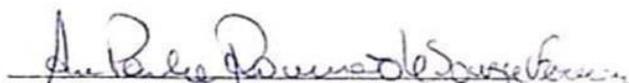
UFPB/CE

CDU 37(043.2)

**A CAPOEIRA COMO PRÁTICA EDUCATIVA PARA O ENSINO DA
EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: vamos capoeirar
com o Projeto “Ginga Juazeirinho” (Juazeirinho-PB)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação de Pedagogia da
Universidade Federal da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em 15/06/2021.



Assinatura do(a) Orientador(a)



Assinatura do(a) Examinador(a) 1



Assinatura do(a) Examinador(a) 2

Dedico este trabalho aos meus familiares, aos colegas capoeiristas, aos Mestres e Mestras de capoeira que luta incansavelmente pela valorização dessa arte com destaque para o meu Mestre Joseilton Neves, dedico também de maneira especial à minha orientadora Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira que me acolheu e de maneira cordial foi me orientando na construção desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, que está sempre presente na minha vida. A todos do Grupo de Capoeira Hubuntus e do Projeto Ginga Juazeirinho; À minha companheira Socorro Xavier.

De modo especial, quero destacar minha orientadora Profa. Dra. Ana Paula Romão de Souza Ferreira, que sempre com muita atenção e dedicação, teve disposição e educação de me ensinar e orientar, Muito Axé e que nossos ancestrais esteja sempre nos guiando em nossa curta jornada aqui neste planeta maravilhoso chamado “TERRA”.

A todos os que sempre acreditaram e me deram apoio para chegar até aqui, a vocês eu dedico a minha...

VITÓRIA!!!

RESUMO

Este trabalho está voltado para a discussão a respeito das novas abordagens do ensino de educação étnico-racial através da capoeira, enfatizando como a capoeira pode auxiliar no cumprimento da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura AfroBrasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio das Redes Públicas e particulares de ensino. A metodologia utilizada teve por base o estudo de caso e as novas abordagens metodológicas para o ensino étnico-racial, na perspectiva da afrocentricidade, impactando nas leituras de alguns documentos oficiais tais como LDB (1996) e Diretrizes Curriculares (2004) para a aplicação da legislação antirracista (2003, 2004, 2012), bem como de autores como Pastinha (1988); Pires e Soares (2018); Schwarcz (1988), Asante (2009); João (2019), entre outros. Teorizou-se como a capoeira pode ser utilizada no ensino da história da África e do Afro-Brasileiro, assim como pode ser associada o ensino da capoeira à prática de uma educação étnico-racial em um desenvolvimento humano que trabalha corpo, cultura e historicidade. Verificou-se também que a capoeira a princípio era vista como uma prática marginal e que só aparecia nos inquéritos policiais e nas penas dos escravos de polícia, passando a ser um patrimônio histórico e cultural da humanidade. Os resultados apontaram que a prática da capoeira pode ser associada através de diferentes estratégias da educação escolar e não-escolar.

Palavras chave: Capoeira. Educação Étnico-racial. Cultura.

ABSTRACT

This work is aimed at discussing new approaches to teaching ethnic-racial education through capoeira, emphasizing how capoeira can help to comply with Law 10.639/2003 which makes the teaching of Afro-Brazilian History and Culture mandatory in schools. Elementary and Secondary Education of Public and Private Education Networks. The methodology used was based on the case study and new methodological approaches to ethnic-racial teaching, from the perspective of Afrocentricity, impacting the readings of some official documents such as LDB (1996) and Curriculum Guidelines (2004) for the application of anti-racist legislation (2003, 2004, 2012), as well as authors such as Pastinha (1988); Pires and Soares (2018); Schwarcz (1988), Asante (2009); João (2019), among others. It was theorized how capoeira can be used in the teaching of African and Afro-Brazilian history, as well as the teaching of capoeira can be associated with the practice of an ethnic-racial education in a human development that works with the body, culture and historicity. It was also found that capoeira at first was seen as a marginal practice and that it only appeared in police inquiries and in the penalties of police clerks, becoming a historical and cultural heritage of humanity. The results showed that the practice of capoeira can be associated through different strategies of school and non-school education.

Keywords: Capoeira. Ethnic-racial education. Culture.

SUMÁRIO

2.1 POR QUE A CAPOEIRA PRATICADA INICIALMENTE NO BRASIL É CHAMADA DE ANGOLA, QUANDO LÁ NÃO EXISTIA CAPOEIRA?	15
2.2 KAPUEIRA, CAÁ POEIRA OU CAPOEIRA?.....	15
2.3 CARACTERÍSTICAS DA CAPOEIRA.....	16
2.4 CAPOEIRA COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO IMATERIAL DA HUMANIDADE.....	20
4.1 AULAS PRÁTICAS.....	30
4.2 AULAS TEÓRICAS.....	31
4.3 A CAPOEIRA E O FAZER PEDAGÓGICO.....	32
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Muitos trabalhos vêm sendo elaborados a respeito da capoeira como, por exemplo, o trabalho de Carlos Eugênio Líbano Soares intitulado de (A capoeira escrava: outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro 1808-1850). Este trabalho pretende destacar a capoeira como uma manifestação da cultura popular brasileira que serviu como arma na luta pela liberdade do negro, hoje ela detém o título de patrimônio cultural imaterial da Humanidade, se mostrando como uma excelente prática educativa capaz de auxiliar no aprendizado dos educandos da escola formal, permitindo o entendimento das transformações socioculturais ocorridas no Brasil e atuando no processo pedagógico, haja vistas, que ela consegue atingir o tripé, cognitivo, social e motor.

A capoeira se apresenta como luta, jogo dança e brincadeira, praticada ao som de instrumentos de percussão como, berimbau, pandeiro, atabaque, agogô e reco-reco. A capoeira traz consigo rituais de valorização e respeito a diversidade e com isso, consegue fazer com que o/a aluno (a) aprenda de maneira prazerosa os elementos formadores da cultura Afro-Brasileira.

Entendemos que as escolas bem como os professores/as ainda não foram preparados/as para lidar com a temática relacionada às contribuições do negro no contexto da História do Brasil, apesar de mais de 17 anos ter sido lançada a Lei 10.639/2003, posteriormente alterada pela Lei 11.645/2008, vejo nas escolas que essa temática não é muito abordada, seja por falta de material didático, seja por falta de interesse ou do desmonte das políticas públicas, no campo da Educação, de 2016 aos dias atuais.

A nossa questão de pesquisa busca responder: Como a capoeira pode ser incluída e ensinada enquanto prática de uma educação antirracista? Quais as práticas da capoeira do Projeto “Ginga Juazeirinho” no processo pedagógico na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, na cidade de Juazeirinho-PB?

O objetivo geral deste trabalho é apresentar a capoeira como fonte de estudo para o ensino de uma educação étnico-racial e pela valorização da cultura Afro-brasileira, tendo como estudo de caso Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, na cidade de Juazeirinho-PB, atendendo o disposto na LDB-Lei de Diretrizes e Base da Educação, a Lei 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/2008, bem como as Diretrizes da Base Nacional Comum Curricular-BNCC. E, como objetivos específicos: Apresentar uma síntese histórica sobre o fenômeno da capoeira; Problematizar a capoeira enquanto prática educativa que atende a legislação educacional (LDB e BNCC) e sintetizar as possibilidades das práticas educativas da

capoeira vivenciadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, na cidade de Juazeirinho-PB.

A abordagem metodológica adotada foi do tipo qualitativa com ênfase no estudo de caso, com ênfase no Projeto “Ginga Juazeirinho”. De acordo com Chizzotti (2003), a pesquisa qualitativa possibilita focalizar, delimitar, pesquisar e explicar o fenômeno na sociedade e suas transformações com múltiplos enfoques, por isso, que um mesmo fenômeno pode ser estudado qualitativamente de diferentes formas. Neste caso, compreendemos que poderíamos pesquisar esse fenômeno “capoeira na educação étnico-racial”, através do formato da pesquisa participante ou da pesquisa-ação, por sermos participantes e agentes desse processo. Mas, optamos por estudar através do “estudo de caso”, por entender nossos limites de tempo, nesse contexto da Pandemia Mundial.

Compreendemos o Estudo de Caso, como um processo que enfatiza o fenômeno na relação do espaço delimitado denominado de *locus* da realidade empírica, que será explicado a partir das bases teóricas que fundamentam o objeto da investigação (MINAYO, 1994).

Buscamos referenciar o contexto sócio-histórico em uma perspectiva da afrocentricidade de Asante (2009), que nos faz realizar uma leitura da capoeira e dos capoeiristas, enquanto agentes de mudança social. Além disso, buscamos historiadores/as da história social marxista e intelectuais negros e aliados/as da luta antirracista que percebem o fenômeno de estudo, a capoeira, como prática cultural de resistência e patrimônio imaterial do povo brasileiro. O estudo de caso foi realizado a partir de nossa prática, enquanto capoeirista, observando as aulas teórico-práticas do Projeto de Capoeira “Ginga Juazeirinho”, na cidade de Juazeirinho, Paraíba, grupo este que pertence a uma linhagem de formação com Mestres que foram formados pela Capoeira Angola, baiana.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos. No segundo capítulo faremos uma abordagem da chegada das pessoas africanas escravizadas em solo brasileiro; bem como tentaremos esclarecer a razão pela qual a capoeira praticada inicialmente no Brasil é chamada de Angola; a origem da palavra capoeira; e, as principais características da capoeira até o seu reconhecimento como patrimônio cultural imaterial da Humanidade.

No terceiro capítulo, iremos investigar como a capoeira é descrita pela historiografia brasileira, a participação dos capoeiristas nos movimentos de manobras políticas, na guerra do Paraguai e em outros movimentos de contestação, bem como as campanhas de perseguições movidas pelas autoridades policiais durante o governo republicano.

No quarto e último capítulo, analisamos as experiências do ensino da capoeira na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, na cidade de Juazeirinho-PB, Bem como dentro dos programas sociais a exemplo do serviço de convivência e fortalecimento de vínculo, onde a proposta é o ensino da capoeira integrado ao ensino de História e linguagens, visando a promoção um ensino plural e interdisciplinar. Espero com esse trabalho, elevar o ensino da capoeira e valorização da cultura AfroBrasileira, e principalmente, qualificar o ensino da capoeira dentro da grade curricular do ensino fundamental, salientando que a capoeira além de fazer parte das manifestações culturais Afro-Brasileira, e de sua História esta entrelaçada com a História do Brasil, e, aprender a capoeira é aprender todo contexto histórico, político e social que envolve a presença do negro no Brasil.

2 A CAPOEIRA NO BRASIL: VERSÕES.

“passei a vida inteira sem saber nada de capoeira e agora que estava aprendendo, está na hora de ir.”

(Mestre Valdemar da Paixão Rodrigues).

É notório na fala do mestre Valdemar, que na capoeira bem como na História não existe uma verdade absoluta, a História da capoeira é marcada por divergência de informações, a respeito do seu surgimento, do seu próprio nome, quanto sua identidade ser brasileira ou africana.

Essa dupla discussão quanto à origem da capoeira já dura muito tempo, nesse aspecto há um grande questionamento entre África ou Brasil. Então a pergunta é a seguinte a capoeira é Brasileira ou Africana? Do pouco que aprendemos e de acordo com algumas leituras, detectamos que a capoeira tem sua origem no Brasil colônia, e foi criada por negros africanos que foram capturados e traficados para o Brasil onde eram utilizados como mão de obra nas lavouras de cana -de-açúcar, nesse aspecto alguns estudiosos do assunto afirmam que a capoeira é de origem Afro-brasileira, que ela é filha de pais africanos, porém, nascida no Brasil.

No período colonialista, a partir do século XV, ocorre o que Marx denominou de “acumulação primitiva do capital”. Na Europa, coma expropriação da produção familiar, a exploração ultramarina e a escravização com o objetivo de acumular riquezas, a burguesia Mercantil busca devastar terras na América, explorar suas riquezas, matar os povos originários ou escravizá-los (ARREGUY, COELHO e CABRAL, 2018).

No Brasil, após a fase econômica do auge da exploração do Pau-Brasil, surge como uma nova fonte de riqueza o plantio da cana-de-açúcar que se constitui numa atividade econômica extremamente lucrativa. Para esse tipo de atividade era necessária uma demasiada mão de obra, inicialmente tentou-se utilizar a mão-de-obra indígena essa tentativa não foi bem sucedida por diversos fatores, foi aí que se adotou a mão de obra dos povos africanos por meio da escravização dos mesmos. Neste momento começaram a realizar o tráfico de pessoas em massa, de diversos países do continente africano para o abastecimento dessa mão de obra que

seria utilizada nas plantações de cana-de-açúcar em um plantio de grandes quantidades de terra, denominados de PLANTATION, pelo sistema colonialista. Pessoas de várias tribos africanas foram sequestradas e traficadas em seus territórios e deportadas para o Brasil onde passaram a viver em regime de escravidão.

A escravidão no Brasil foi uma das piores do mundo, chegando a se perpetuar por mais de 300 (trezentos) anos. Falando em escravidão, na África já existiam escravos, no continente Africano havia diversos tipos de escravidão: A África por ser um continente muito extenso e composto por várias tribos, eram comuns os confrontos e as disputas por territórios nesses confrontos de acordo com Wlamira Albuquerque (2006), os grupos vitoriosos aprisionavam pessoas dos grupos vencidos e os escravizavam, era chamada a escravidão doméstica que segundo a autora esse tipo de escravidão “consistia em aprisionar alguém para utilizar sua força de trabalho, em geral, na agricultura de pequena escala, familiar”. Ainda segundo a autora esses escravos na grande maioria mulheres e crianças iam sendo incorporados na família de forma gradativa que segundo ela: “os filhos de cativos, quando nascidos na casa do senhor, não podiam ser vendidos e seus descendentes iam, de geração em geração, perdendo a condição servil e sendo assimilados à linhagem”.

Um outro tipo de escravidão já existente no continente era a escravidão religiosa ou a escravidão islâmica esse tipo de escravidão consistia no aprisionamento de pessoas que não aceitavam se converter ao Islamismo, religião de origem árabe que se expandia pelo continente africano, esse tipo de escravidão encontrava respaldo no livro sagrado islâmico (O Corão) que de acordo com Albuquerque: “O Corão não condenava o cativo” (ALBUQUERQUE, 2006).

Para os seguidores do profeta Maomé, a escravização era uma espécie de “missão religiosa”. Um fato interessante é que muitas pessoas estrategicamente se convertiam a essa religião para não se tornarem escravos e mesmo aqueles que resistiam e eram tomados por escravo lhes era assegurado a oportunidade de se converterem e com isso deixarem de serem escravos, porém, segundo a autora, não era apenas dizer que estava convertido para ter direito a alforria, pois, segundo ela:

“Havia razões bem mais comerciais e bem menos altruístas a justificar o crescimento do número de escravos no mundo muçulmano. Primeiro, porque uma vez escravizado o indivíduo nem sempre dispunha de tempo e condições para ser educado de acordo com as leis islâmicas, e segundo, porque o trabalhador escravo era fundamental para a viabilidade do comércio dos mercadores muçulmanos.”

(ALBUQUERQUE, 2006, p.13-36)

Por diversos fatores o escravo que fazia gerar o comércio árabe, pois, todo o serviço pesado ficava a cargo do escravo além de ser um produto de troca em um mercado que crescia e a procura por escravos só aumentava, de acordo com Albuquerque “Quanto mais escravos eram capturados outros tantos eram necessários para preencher várias ocupações no mundo árabe”. No entanto, quando a chamada “escravidão cristã” inicia um processo articulado de captura, de diferentes povos africanos, o sentido de mercadorização do ser humano ganha uma configuração para estabelecer um mercado escravocrata transatlântico visando o lucro, com os corpos negros. Na escravidão islâmica, o escravizado continuava sendo um ser humano. Mas, na escravidão impulsionada pelo cristianismo romano, diferente de todos os demais tipos de escravidão”, os povos africanos foram tratados como não-humanos.

2.1 Por que a Capoeira praticada inicialmente no Brasil é chamada de Angola, quando la não existia capoeira?

De acordo com Mocellin (2001), a maior parte dos escravos trazidos para o Brasil tem origem em três grandes regiões da África: em primeiro lugar, eram do Senegal e Serra Leoa, segundo, da região situada entre os rios Walta e Niger, (a chamada costa do escravo) e a terceira, do Congo, Angola e Moçambique, na sua grande maioria era os Congos Bantos Angolenses.

É curioso chamarmos a capoeira de Angola quando não há registro de que por lá fosse praticada essa luta/dança, para alguns estudiosos do assunto essa explicação está relacionada ao lugar de onde vieram os inventores da capoeira, o etnógrafo Baiano Waldeloir Rêggo afirma que os negros chamaram a capoeira de Angola em homenagem a sua terra natal ou a região de onde vieram. Benjamim no seu livro “A África está em nos” Afirma que:

A denominação capoeira-de-Angola parecia indicar uma origem africana. Pesquisas realizadas na África não localizaram qualquer tipo de dança, jogo ou luta que se assemelhasse a capoeira, embora, em diversas regiões daquele continente haja danças rituais de caça e modalidades de defesa pessoal que podem indicar para uma raiz longínqua da manifestação brasileira (BENJAMIM, 2004. p.59).

2.2 Kapueira, Caá poeira ou Capoeira?

Quanto à grafia da palavra, a dúvida que persiste é se é escrito, kapueira, caá poeira, ou capoeira, optando-se pelo último; a palavra caá poeira de origem tupi Guarany, e no Aurélio tem o significado de mato ralo ou que foi cortado, alguns estudiosos sustentam que o nome capoeira

deu-se por conta dos escravos falarem “vamos treinar na capoeira”, “vamos treinar na capoeira” e de tanto se repetir essa palavra é que pegou o nome de capoeira.

Outros ainda afirmam que o nome capoeira foi instituído por conta que os negros fugidos se refugiavam dentro da mata rasteira; e os capitães do mato ao entrar na mata na ânsia de recapturá-los eram surpreendidos com ataques de pontas-pé e cabeçadas:

O nome Capoeira se deu por motivos de os negros fugitivos ao adentrarem na mata, os capatazes corriam mata adentro na ânsia de recapturar-los, ai os negros se defendiam atacando-os com pés, mãos e cabeçadas, batendo nos capatazes e ate mesmo matando alguns deles, porem, os que sobreviviam ao retornarem as fazendas era indagados, os senhores perguntavam-lhes: Cadê os Negros? E a resposta era a seguinte: “nos pegaram na capoeira” referindo-se ao local onde foram vencidos, que era a vegetação rasteira onde os negros se escondiam. (1-Mestre Sabiá-2004.p.13).

O etnólogo Rego (apud Buenos, 1997) afirma que o jogo nasceu quando os escravos com seus cestos de aves chamados de capoeira brincavam de lutar nas horas de folga, e, outras teorias apontam para o vocábulo como a que relaciona a luta travada por pássaros (*Odontophorus capueira* - Spix) com os movimentos da capoeira.

Padre José de Anchieta, em seu livro intitulado “A arte da gramática da língua mais usada na Costa do Brasil, cita que o vocábulo capoeira é de origem tupi-guarani que significa "mato-ralo", descreve também, que os próprios índios divertiam-se jogando capoeira”. (ANCHIETA Apud PINATTI, 1984,).

Mais a final de contas à capoeira é uma dança, uma luta ou uma arte? Estudiosos afirmam que a capoeira é uma mistura de luta, dança cultura arte popular e música. Conforme relatos do Mestre Camisa: “A capoeira faz parte do momento pode ser uma brincadeira ou uma luta de morte”. Nas senzalas era praticada como uma brincadeira uma dança para não sofre repressão dos seus senhores, em outros momentos no meio do mato quando os negros sofriam perseguições, a capoeira se transformava numa arma de ataque e defesas em outro contexto a capoeira aparece como um meio de afirmação e valorização dos elementos e rituais da cultura negra.

2.3 Características da Capoeira

A capoeira é caracterizada por movimentos complexos, de destreza e agilidade, praticada ao som de instrumentos de percussão, com acompanhamento de música e palmas, fazendo com que a mesma se diferencie de outros tipos de artes marciais como (Judô, Karatê, Jiu-Jitsu, etc.).¹

A “dança” ou “luta” da capoeira é executada por 02 (dois) parceiros, ao toque do berimbau, no desenrolar os jogadores simulam intenções de ataque e defesa. Praticar essa “dança” exige-se habilidade, força, e autoconfiança que se adquire com bastante treino. Além disso, os jogadores devem ter uma relação de cumplicidade um com o outro. Tudo começa com o “gingado”, do qual nascem todos os outros movimentos, que surge num desenrolar aparentemente espontâneo e natural.

A capoeira se diferencia de outras lutas por sua maior liberdade de criação de acordo com Mestre Pastinha:

A capoeira é uma modalidade de luta que se distingue de qualquer outra modalidade esportiva. Possui características que a identificam de uma forma indiscutível, o que não acontece com alguns outros métodos de luta como, por exemplo: Judô, jiu-jítsu, luta livre americana, onde determinados golpes são comuns às três modalidades. (PASTINHA. 1988, p.24).

Além disso, o capoeira esta atento a valorização e obediência aos rituais, à preservação das tradições e o respeito a todos, especialmente aos "mais velhos". Na capoeira inicialmente não se utilizava instrumentos e ela era praticada ao som das cantigas acompanhada da batida das palmas, depois foi que veio o primeiro instrumento que ao contrario do que muitas pessoas pensam não foi o berimbau, esse instrumento foi o tambor ou atabaque instrumento usado tanto na capoeira como no candomblé, posteriormente foi que veio o berimbau (instrumento de uma corda só) que passou a ser o principal instrumento da capoeira, pois ele é quem dá o ritmo da “dança” o berimbau já existia e era usado por vendedores ambulantes para chamar a atenção dos fregueses, porém, só foi introduzido na capoeira a partir do século XIX.

Com a modernização a capoeira passou a usar uniformes também chamados de “abadás” (camisas folgadas, feitas de algodão ou material sintético) e calças brancas, também folgadas, para não atrapalhar os movimentos. O uso dos uniformes, bem como a criação de batizado (o batizado na capoeira é diferente do batismo religioso, o batismo na capoeira consiste em o aluno iniciante jogar pela primeira vez com um mestre ou professor convidado) e dos eventos com oficinas de capoeira que agora virou Workshop é fruto do capitalismo.

¹ -Mestre Sabiá-Nome de Batismo: Marcos Antônio Batista.

O uso de “cordas” ou “cordéis”. A "corda da capoeira" ou o “cordel”, assim como a faixa nos demais esportes de luta, simboliza o grau de aperfeiçoamento, experiência e técnica do praticante da luta. As cores das cordas de capoeira variam de grupo para grupo e de região para região. É comum os Professores e Mestres darem um "nome de batismo", um apelido pelo qual é reconhecido por todos os companheiros de "luta". Acostumou-se ver na capoeira a uma divisão em dois grandes seguimentos: Angola e Regional. A capoeira Angola que tem como seu legítimo representante Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), caracterizada por movimentos lentos e rasteiros, onde o praticante demonstra todo o domínio dos movimentos e malandragem de jogo que defendia ser a capoeira Angola a legítima capoeira:

Pratico a verdadeira Capoeira Angola e aqui os homens aprendem a ser leais e justos. A lei da Angola que herdei de meu avô é a lei da lealdade. A capoeira Angola, a qual aprendi, não deixei mudar aqui na academia. Os meus discípulos zelam por mim. Os olhos deles agora são os meus.²

Já a capoeira Regional representada por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), é caracterizada por movimentos mais rápidos e golpes secos e sequenciados.

A capoeira regional foi criada por Bimba quando ele achando que a capoeira angola estava muita folclorizada, resolveu criar uma Física Regional Baiana, que acabou se transformando no que hoje conhecemos como capoeira regional (capoeira Regional por que inicialmente era praticada apenas na região da Bahia) então o que Mestre Bimba fez: Ele manteve a base da capoeira Angola e acrescentou golpes de outras lutas, tais como Karate, Jiu jitsu e do batuque (luta que usava muitas caneladas e machucava muito, pois, o lutador tinha que ficar parado esperando receber o golpe do outro lutador e vice versa).

A capoeira hoje reconhecida mundialmente Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade e vive seu momento de “glória”, mas se voltarmos a um passado remoto a capoeira teve momentos difíceis, principalmente no momento de transição Monarquia/República, quando a capoeira passou a ser usada para os mais variados fins; de acordo com Adorno:

À época do período colonial, a presença da capoeira já se encontrava de tal forma sedimentada na sociedade que os capoeiristas passaram a formar uma classe. Premidos pelas circunstâncias, faziam usos variados da habilidade que a arte lhes conferia. Com o emprego de diversos instrumentos de ataque e defesa,

² Cf. <http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/pastinha-filosofia-da-arte-luta.html>.

passaram a presta serviços aos membros das classes dominantes, que deles se serviam para a execução de crimes que garantia a continuidade no poder.

(ADORNO, 1987, p.30)

Por essas e outras razões foi que o então Governo republicano Marechal Deodoro da Fonseca, coloca a capoeira no código penal da República dos Estados Unidos do Brasil, quando foi feito o novo código penal que proibia a prática da capoeira, por meio do decreto Lei nº. 487, intitulado “dos vadios e dos capoeiras”. Com a seguinte redação:

“Capítulo XIII: Dos Vadios e Capoeiras.”

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal: Pena – de prisão cellualar por dous a seis mezes.

Parapho unico. E’ considerado circumstancia agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta. Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidencia, será applicada ao capoeira, no gráo maximo, a pena do art. 400.Parapho unico. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Si nesses exercicios de capoeiragem perpetrar homicidio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor publico e particular, perturbar a ordem, a tranquilidade ou segurança publica, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas comminadas para taes crimes³.

Com isso, a capoeira passou a ser proibida, diz-se que aquele que era pego jogando capoeira era levado para o quartel amarrados em rabo de cavalo, e tanto que se brinca e dizem que era melhor jogar próximo ao quartel, por que aí a distância era pequena, a capoeira permaneceu na proibição por muito tempo, até que de acordo com Manoel de Barros: “Em 1934, Getulio Vargas então presidente do Brasil interessados no voto Feminino, dos analfabetos, soldados etc. Extingue o decreto Lei que proibia a capoeira e a prática de cultos Afro-brasileiros”. Porém, essa prática de acordo com esse autor deveria ser realizada fora das ruas e em recinto fechado, com alvará de instalação. (assim a capoeira dar seu primeiro passo para sair da ilegalidade), contudo, como podemos perceber a capoeira bem como as práticas religiosas de origem Africana continuaram as margens da sociedade elitista, embora que algumas personalidades consideradas ilustres visitassem esses locais as escondidas. Segundo Pires e Soares (2018, p. 142), a capoeira;

³ Cf. <http://www.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>

(...) Desde o final do século XIX, alguns praticantes, em sua maioria pertencentes às classes hegemônicas da sociedade carioca, já vinham inventando uma nova tradição para a capoeira. Num primeiro momento, um modelo desportivo, o qual colocava a capoeira no rol das lutas marciais que começavam a chegar no Brasil (...). Foi no nordeste, porém que os baianos inventaram duas escolas denominadas “capoeira regional” e “capoeira Angola”, que se tornaram estilos nacionais. Simbolizaram os dois estilos, o mestre Bimba, como representante da Capoeira Regional e o Mestre Pastinha da Capoeira Angola.

Enquanto nos estados como Rio de Janeiro e Bahia a capoeira era praticada como uma atividade marginal, na Paraíba segundo alguns relatos ela só veio a aparecer em meados dos anos 1970, de acordo com informações obtidas por nós, foi através do Mestre “Zumbi Bahia” que a capoeira penetra na Paraíba, esse mestre implantou o primeiro trabalho de capoeira em nosso Estado. Segundo relatos, a abertura oficial da capoeira na Paraíba se deu em 05 de Agosto de 1978, com o espetáculo Berimbau de Ouro Show que contou com a participação de grandes mestres da Bahia tais como mestre Dinho, Fininho, Raimundo, Gracinha e mestre boa gente⁴.

2.4 Capoeira como Patrimônio Histórico Imaterial da Humanidade

A capoeira embora tenha dado suas contribuições para o povo brasileiro como, por exemplo, na defesa da pátria como ocorreu na guerra do Paraguai, onde capoeiristas defenderam bravamente nosso território, mais assim sua prática era considerada proibida mediante a lei. Hoje ela é reconhecida como patrimônio cultural brasileiro registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). E o que é patrimônio histórico imaterial?

Patrimônio cultural imaterial são representações da cultura brasileira como: as práticas, as formas de ver e pensar o mundo, as cerimônias (festejos e rituais religiosos), as danças, as músicas, as lendas e contos, a história, as brincadeiras e modos de fazer (comidas, artesanato, etc.), junto com os instrumentos, objetos e lugares que lhes são associados, cuja tradição é transmitida de geração em geração pelas comunidades brasileiras. Com a inclusão da capoeira, o Brasil passa a ter 14 bens culturais registrados⁵.

⁴ Cf. www.capoeirabadauê.com.br.

⁵ Cf. <http://www.cultura.gov.br/site/2008/07/15/iphan-registra-capoeira-como-patrimonio-cultural-brasileiro>.

Todo esse crescimento da capoeira se deu pelas lutas dos Mestres e praticantes dessa arte, bem como pelas lutas dos adeptos e simpatizantes e pelas lutas dos movimentos afirmativos e movimento negro que culminaram em leis a exemplo da Lei 11.645/2008 altera a lei 10.639 /03 que por sua vez alterava a LDB (9394/96) e determina a inclusão no currículo da rede oficial de ensino, fundamental e médio, em instituições públicas e particulares à obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. O conteúdo programático refere-se ao estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional tendo como objetivo resgatar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política. Esses conteúdos serão ministrados em todo o currículo escolar, mas especialmente nas disciplinas Educação Artística Literatura e História Brasileiras e deve ser feito por diversos meios, ou seja, em atividades curriculares ou não.

Graças a essas lutas a capoeira hoje passou a ser praticada como uma atividade educativa inclusive duas Prefeituras da Paraíba lançado edital de concurso publico onde era oferecidas vagas para o cargo efetivo de Monitor de Capoeira, as cidades são: São Bento e Brejo do Cruz; cujo edital se encontra no endereço eletrônico: (<http://concursosnobrasil.com.br/edital-concurso/edital-concurso-de-sao-bento-paraiba>). Isso mostra o quanto à capoeira evoluiu do século XIX para cá, passando de uma atividade marginal para uma atividade Sócio-Educativa.

Neste capítulo abordamos uma parte da História da capoeira, pois, como é sabido o universo da capoeira é infinito, um exemplo é o mestre Pastinha que morreu aos 89 anos de idade e outros tantos de capoeira e “dizia que ainda está aprendendo a capoeira”.

Por outro lado esbarramos na falta de documentação, nos limitando a depoimentos de mestres em documentários e alguns livros e revistas especializadas no assunto. De acordo com alguns pesquisadores que buscam escrever sobre a história da escravidão e da capoeira no Brasil, afirmam que o fato de não sabermos alguns detalhes quanto a esse assunto é por que:

De toda maneira, ao contrario de outras nações, onde o passado escravocrata sempre lembrou violência e arbítrio, no Brasil a Historia foi reconstruída de forma positiva, mesmo encontrando pouco respaldo nos dados e documentos pregressos. Em 04 de Dezembro de 1890, Ruy Barbosa-Então Ministro das finanças- ordenou que todos os registros sobre escravidão existentes em arquivos nacionais fossem queimados (SCHWARCZ, 1998, p.188).

Estes fatos deixarei para que o leitor faça seu julgamento, nos reservamos a opinar a cerca do assunto para não cometermos o erro ou cairmos em determinismos.

3 CAMINHOS DA CAPOEIRA

Os caminhos percorridos pela capoeira nos livros de história trazem a imagem do indivíduo praticante daquela “arte”, como um tipo de sujeito brigão, arruaceiro e que andava em maltas sempre prontas para arrumar uma boa confusão, no livro “Visões da Liberdade”, encontramos relatos de uma briga onde os supostos agressores se declaram capoeirista:

Os depoimentos dos três guardas urbanos que participaram das prisões dos acusados sugerem que os policiais não tinham como saber se havia escravos entre os envolvidos no tumulto. Jose Siqueira, por exemplo, afirmou que prendera ‘o acusado Maximiano que diz ser escravo de Antônio Correia de Sá Lobo’; o guarda José Bastos disse que conseguira deter ‘o acusado Zeferino que diz ser escravo de Luiz José da Silva’. O terceiro guarda urbano se refere aos rapazes em luta genericamente como ‘vários indivíduos suspeitos parecendo serem capoeiras’. (CHALHOUB, 1990, p.230).

De acordo com Chalhoub (1990) os dois primeiros conseguiram se livrar das acusações sem sequer serem levados a Júri, o terceiro, “Maximiano considerado como principal suspeito da morte de Oscar, o Juiz de Direito decidira inicialmente pronunciá-lo reclamando das “maltas de capoeira, que infestava a corte” (Idem, 1990, p.230).

É dessa forma como vamos percebendo os primeiros registros da capoeira no Brasil imperial e, posteriormente, numa boa parte do período republicano, em uma perspectiva eurocêntrica. No entanto, a visão de Assante (2009), com o referencial da afrocentricidade nos faz perceber a capoeira, os capoeiristas e seu potencial educacional em outro paradigma, o da afrocentricidade. Para Assante (2009): “A afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômeno atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (ASSANTE, 2009, p. 93).

Os capoeiristas estavam em toda a parte, eles integravam as forças armadas e lutaram bravamente na guerra do Paraguai, na revolta dos mercenários entre outras guerras, porém, poucos são os registros na historiografia oficial. Buscamos em Maria Cristina Cortez Wissenbech, relatos de recordação de uma ex-escrava e ex- moradora do quilombo Jabaquara:

Foram esses momentos tão marcantes quanto sua união com Manuel Leocádio, um “crioulo desempenado, capoeira destemido e com batuque que só vendo” e de quem não se separava nem mesmo quando este era recrutado para as tropas, acompanhando aos cenários de luta locais. Só não o pode fazer

quando o seu companheiro foi enviado como combatente à guerra de canudos, de onde nunca mais voltou. (WISSENBECH, 1998,p.89)

O capoeira ou capoeirista tinha uma identidade própria, era um tipo social, um homem destemido e desconfiado, que estava sempre em alerta, era reconhecido nas ruas seja por suas roupas folgadas, ou pelos adereços usados pelos mesmos, Wissenbach descreve o capoeirista como sendo:

O capoeira era um individuo desconfiado e sempre precavido. Andando nos passeios, ao aproximar-se de uma esquina tomava imediatamente a direção do meio da rua; em viagem, se uma pessoa fazia o gesto de corteja a alguém, o capoeira de súbito, saltava longe com a intenção de desviar uma agressão, embora imaginária. (Idem, 1998, p. 125).

Como já mencionado no primeiro capítulo os capoeiras prestavam serviços relevantes à pátria, bem como, sua força foi usada para realização de serviços sujos, como interferência de resultados nos pleitos eleitorais, emprenhando urnas e até acabando com comícios dos rivais:

Ao longo do império, sobretudo na segunda metade do século XIX, os capoeiras foram elementos indispensáveis nos pleitos eleitorais das cidades do Nordeste e na movimentação política da corte, os preferidos dos aliciadores na guerra contra os paraguaios, abriam as procissões religiosas e o desfile dos ranchos negros nos carnavais do início do século. No entanto figuras potencialmente perigosas, suas lideranças foram as primeiras as intensas campanhas e perseguições movidas pelas autoridades policiais da Republica, sobretudo nos grandes centros urbanos.(Idem, 1998, p.126)

Os primeiros registros da capoeira eram sempre de um tipo marginal, que andavam em maltas provocando tumultos e desordem em todos os cantos da cidade: Para SOARES, a capoeira:

Antes de ser “descoberta” pelos historiadores, há poucas décadas, a capoeira já tinha vivido suas aventuras nas paginas da literatura, dos cronistas, dos memorialistas do passado imperial do Rio de Janeiro. E antes mesmo destes, num passado remoto, a capoeira só era testemunhada pela pena dos escrivães de policia. (SOARES, 2002, p.35).

Esse cenário passou a tomar um novo caminho a partir do trabalho de Gilberto Freyre, ao publicar sua obra Casa Grande e Senzala, Freyre ao abordar o negro como elemento fundamental na construção da identidade Brasileiro, iguala todas as culturas do negro junto com a cultura do branco e do indígena, sem que uma seja considerada superior a outra. Freyre inaugura o chamado “mito da democracia racial” e com isso passa a inserir elementos da

cultura negra, indígena e europeia como elementos fundamentais para a formação do estado brasileiro com isso há uma maior abertura para a cultura do negro.

O retrato pintado por Luis Eduardo tornou-se famoso por sintetizar o olhar de toda uma geração, aquela que havia assistido, na juventude, à fulminante repressão desencadeada por Sampaio Ferraz, o chefe de polícia do recéminstaurado regime republicano, que tinha varrido as maltas do novo Distrito Federal-fato saudado com júbilo pelos habitantes respeitáveis da cidade do Rio de Janeiro-e que agora vivia o sentimento de resgate, de restauração nacionalista, recuperando a capoeira para o mundo dos “sports”, da tradição nacionalista, da busca de uma identidade cultural em que a cultura renegada tinha, então, lugar cativo no coração da elite intelectual. (SOARES, Op. Cit. 2002. p.45).

Os negros tinham no samba e na capoeira uma forma de se expressar e de manter suas tradições, quase sempre perseguidos pelo dominante, mas, durante os anos 30, começa uma reversão de papéis, e a cultura mestiça despontada como representação autêntica da nação Brasileira e a capoeira que antes era reprimida passar a ser vista como uma luta nacional, passando a ser praticada por pessoas de diversas classes sociais:

A capoeira - reprimida pela polícia do final do século passado e incluída como crime no código penal de 1890 - é oficializada como modalidade esportiva nacional em 1937. Também o samba passou da repressão a exaltação, de ‘dança de preto’ a canção brasileira para exportação. (SCHWARCZ, 1998, P.196).

É interessante destacar que as abordagens sobre o negro e a capoeira em história ganharam mais visibilidade e dizibilidade, a partir das inovações da historiografia brasileira nas últimas décadas do século passado. Isto foi possível, em razão das mudanças no *metier* (Ofício) do historiador provocado pela “Revolução Francesa da Historiografia”, a Escola dos Annales, de modo que a história tradicional, aquela pautada nos grandes acontecimentos e nos grandes vultos da pátria, foi aos poucos dando lugar para uma história problematizadora, a qual chamamos de “Nova História”. Essa nova maneira do fazer História tem como características a valorização dos eventos socioculturais, e trazendo a tona os personagens antes excluídos da História oficial, como por exemplo: pobres, vagabundos, prostitutas, negros, índios, mulheres, etc. Trata-se, da chamada história “vista de baixo”, como podemos verificar no trabalho do famoso historiador inglês Peter Burke⁶.

⁶ -Cf. SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

O estudo de tais temas tem como propósito preencher as lacunas deixadas pela história “tradicional”, dando vez e voz aos excluídos. Podemos perceber na produção dos novos livros didáticos, algumas modificações que ocorreram de forma qualitativa relacionada, principalmente, com a mudança na perspectiva historiográfica brasileira, como podem perceber na coleção “A África está em Nós” de Roberto Emerson Câmara Benjamim, que traz a capoeira não mais como uma atividade marginal.

A capoeira aos poucos vai saindo da ilegalidade e conquistando mais adeptos, simpatizantes e praticantes dessa arte/luta por todo o Brasil, e conseqüentemente sendo exportada para outros países, hoje a capoeira passou das penas dos escrivães de polícia e começa a integrar parte do conteúdo dos livros didáticos, a exemplo dos trabalhos do Professor Benjamin:

No País inteiro foram se abrindo academias de capoeira e o desporto foi admitido nas escolas de Educação Física, academias de ginástica e de pugilismo, nas escolas de formação de policiais e nas universidades. Deixou de ser uma prática das classes populares para se tornar uma atividade esportiva e de defesa pessoal em todas as camadas da sociedade. A difusão já alcançou o exterior, praticando-se a capoeira em países da Europa, no Japão e nos Estados Unidos.

(BENJAMIN, 2004, p.61).

Essa nova forma de abordagem dos estudos de História sofreu influenciada da chamada “revolução da historiografia” na Europa, iniciada pela *Escola dos Annales*, fundada na França em 1929. Como luta de libertação a capoeira já mostrou seu potencial, nas aulas de Educação Física já deu suas contribuições, agora, queremos explorar seu potencial no ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira, assim se fazendo cumprir o que determina a Lei 10.639/2008, cujo texto segue abaixo:

LEI 10.639/2003

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º-A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura AfroBrasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182ª da Independência e 115ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 10.1.2003⁷

Dessa forma, a conquista da Lei 10.639, foi fruto da luta antirracista se configurou como alteração da lei máxima da educação, a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN/9394/96), possibilitada no primeiro governo do ex-presidente Luís Ignácio Lula da Silva, em 09 de janeiro de 2003.

⁷ - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

4 A CAPOEIRA COMO PRÁTICA EDUCATIVA PARA O ENSINO DE UMA EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

A Prática da capoeira em estabelecimentos de ensino formais tem se apresentado com um grande potencial pedagógico e contribuindo para a valorização da cultura e dos afrodescentes, dessa maneira pretende-se acabar com o modelo de educação discriminatória e excludente que a muito tempo vigorou no país.

A primeira vez que eu tive a oportunidade de ver a capoeira foi na televisão em uma novela a qual não me recordo o nome e foi paixão a primeira “ginga”. Tempos depois na minha cidade apareceu um rapaz de Brasília conhecido como Araújo que iniciou um trabalho de capoeira e em uma apresentação na abertura dos jogos escolares eu vi a capoeira ao vivo pela primeira vez e isso só aumentou a minha paixão por essa arte e sempre que eu vinha da escola à noite eu parava para vê-los treinando a capoeira.

A vontade de aprender era grande, porém, a hora que eles treinavam era a mesma hora que eu estava estudando, outro fator que me impedia de praticar a capoeira era a falta de dinheiro para o pagamento das mensalidades, as aulas de capoeira com Araújo durou cerca de três a quatro anos, porém, ele teve que ir embora da cidade.

Passa-se o tempo e em 2002 um colega que havia treinado capoeira com Araújo chega pra mim e diz: “Está tendo uma capoeira aqui no clube Municipal, mas, é uma capoeira de angola, é tudo diferente, a ginga, as musicas, os golpes é mais devagar, eu perguntei pra ele quais os dias ele me disse que era as segundas, quartas e sexta feira.

Chega à sexta feira, fui lá conhecer essa capoeira, quando cheguei lá já havia começado a aula de capoeira e eu fiquei observando, esperei das 18:00 as 20:00 horas até o instrutor encerrar o treino e eu poder fala com ele. Perguntei-lhe como funcionava ele me explicou que tinha que preencher uma ficha de inscrição e pagar uma mensalidade, uma quantia simbólica para manutenção das atividades, pedi-lhe a ficha de inscrição e ele me perguntou umas três vezes seguidas: você quer treinar mesmo? Respondi que sim, e fui pra casa.

Na segunda feira lá estava eu no treino aprendendo meus primeiros passos na capoeira com o instrutor Luanda do Grupo de Capoeira Angola Palmares sob a supervisão e Orientação

do Mestre Sabiá, dois anos depois, Mestre Sabia se desliga do Grupo de Capoeira Angola Palmares e passamos a ser Grupo Cultural de Capoeira Badauê, fiquei com o Instrutor Luanda, hoje contramestre Luanda, até o ano de 2014 quando por problemas de cunho pessoal fui desligado do grupo, nessa época já com a graduação de instrutor ministrava aulas na comunidade Frei Damião bairro em que resido aqui na cidade de Juazeirinho-PB.

O desligamento da Associação Cultural de Capoeira Badauê, foi uma rasteira, porém, a convicção de que a nossa luta pela capoeira era maior que qualquer coisa fez com que continuasse focado nos nossos objetivos, nesse meio tempo, fomos adotados pelo mestre Joseilton Neves que juntamente com os contramestres Tibério e Pantera, também havia sido desligado da Associação Cultural de Capoeira Badauê.

Após algumas reuniões e optamos pela fundação do Grupo de capoeira Hubuntus, cujo nome, é baseado na filosofia africana “UBUNTU” que fala de uma ética antiga e cujo lema é “eu sou o que sou, por que somos todos nós” Ubuntu, fala de empatia, de respeito ao próximo, de compaixão pelo sofrimento do outros etc.

O Grupo de capoeira Hubuntus hoje no Estado da Paraíba tem núcleos ativos nas cidades de Lagoa Seca-PB, Alagoa Grande-PB, Campina Grande-PB, Soledade-PB, São Vicente do Seridó-PB, Assunção-PB e Juazeirinho-PB.

Aqui na cidade de Juazeirinho é desenvolvido um trabalho intitulado “Ginga Juazeirinho” que atende a crianças, jovens e adolescentes de diversos bairros da cidade e das mais variadas classe sociais, aonde o objetivo é nos reunir para praticar a capoeira, o maculele, o samba, coco de roda e também provocar debates a cerca das questões sociais das mulheres, dos negros etc.

O Ginga Juazeirinho, que além do Professor Flávio conta com o apoio pedagógico da instrutora Xavier que faz um trabalho pedagógico, de letramento e contação de historia com as crianças através da capoeira, ela que possui licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba modalidade a distancia, defendeu o trabalho de conclusão de curso com o tema: **CAPOEIRA EDUCA SIM, DO GRANDÃO AO “PEQUENINIM”**: presença da cultura afrobrasileira na Educação Infantil.

Minha trajetória na capoeira que se inicializou no ano de 2002 me fez crescer bastante como pessoal à capoeira aumentou a minha autoestima como pessoa negra e de periferia dentro da capoeira encontrei pessoas que me incentivaram a voltar a estudar, pois, havia terminado o ensino médio no ano de 2002 e achava que isso era tudo, porém, ao ingressar na capoeira me encantei por

sua história e encontrei pessoas que me incentivaram e em 2006 realizei vestibular para o curso de história na universidade Estadual da Paraíba, conseguindo minha aprovação para a segunda entrada 2007.2, em 2012 consegui concluir o curso e parei de estudar novamente, mas graças a capoeira nove anos depois estou aqui novamente com muitas dificuldades buscando concluir mais um curso superior e nunca irei abandonar a capoeira e aonde eu vou sempre irei levar ela comigo.

4.1 Aulas práticas.

As aulas práticas começam sempre com um breve alongamento, seguido de um breve aquecimento, seguidas do gingado (movimento básico da Capoeira); Nas aulas práticas os alunos aprendem os movimentos básicos da capoeira, como o gingado e os golpes básicos de ataques e defesa, que se dividem em golpes desequilibrantes e golpes traumatizantes, valendo ressaltar como afirma Pastinha (1988, p.27), A capoeira Angola tem um número reduzido de golpes em comparação a outras modalidades de luta, podemos destacar alguns deles aqui:

- **Armada:** giro na vertical seguido de chute com um dos pés.
- **Martelo:** chute lateral executado com a parte superior do pé (peito do pé).
- **biqueira:** chute frontal executado com a extremidade anterior do pé.
- **Meia-lua-de compasso:** esse golpe se traduz numa circunferência perfeita giro de 360° com um pé e as duas mãos apoiadas ao chão para permitir o ataque com o calcanhar.
- **Cabeçada:** geralmente desferida contra o queixo ou caixa torax.

Os golpes desequilibrantes tem a função de provocar uma desinstabilidade do outro jogador, provocando um desequilíbrio como o próprio nome sugere; são eles:

-**Bandas:** movimento rápido, com ambas mãos no chão, de perna estendida que descreve uma trajetória circular à sua frente para varrer o adversário.

-**Arrastão:** estando à frente do adversário de pé, o capoeira abaixa-se e puxa suas pernas para si provocando a queda.

As aulas quase sempre são ministradas ao som do berimbau, atabaques, pandeiros e agogô, a musicalidade faz fluir os movimentos, nos transportando para um mundo encantado, despertando a África existente em cada um de nós, os alunos envolvidos no projeto aprendem além da dança em si, a tocar instrumentos de percussão que faz parte da capoeira como os acima citados, além de tocar os alunos aprendem também a confeccionar seus próprios instrumentos.

A música na capoeira permite que os praticantes entrem em uma espécie de transe, deixando-os mais excitados, as letras das cantigas quase sempre falam da vida nas senzalas, dos castigos sofridos pelos negros, e das lutas contra a escravidão, vejamos:

Meu bisavô me falou
 Que no tempo da escravidão
 Era dor muita dor
 Morriam de dor os negros meus irmãos

Refrão: Dor, dor, dor

O sangue jorra no chicote do feitor

Refrão:

O negro morre de saudade sem amor

Refrão:

Dona Isabel sua lei não adiantou Refrão:

O negro morre de Paris a Salvador Refrão:

O sangue jorra na caneta do doutor

Refrão:

A raça negra não nasceu para ter senhor Refrão:

Minha alma é livre o berimbau me libertou.

Na letra dessa cantiga do Mestre Tony Vargas, ele faz alusão aos castigos sofridos no tempo da escravidão, bem da saudade que os negros sentiam de sua terra natal, o autor ainda tece críticas de forma indireta a princesa Isabel e a lei Áurea.

4.2 Aulas Teóricas

Como havíamos falado antes as aulas se dividem em práticas e teóricas; nas aulas teóricas o aluno participante do projeto, vai aprender o que é capoeira, qual a origem da capoeira, quem foram os grandes Mestres da capoeira.

Nas aulas teóricas é onde são introduzidos os conteúdos a que se referem a Lei 11.645/2011, que acrescentou a obrigatoriedade do ensino da cultura indígena junto ao ensino da cultura afro-brasileira, onde o praticante vai estudar um pouco da história dos negros no Brasil, as condições em que eles foram trazidos para cá, seus trabalhos nas lavouras de cana-de-açúcar e nos cafezais, como era a vida social do negro no período colonial, entra também os conteúdos relacionados a geografia, como por exemplo os lugares do continente Africano dos quais esses negros foram trazidos. O aluno ainda vai estudar qual a relação do senhor com seu escravo, podendo ver que a escravidão aqui no Brasil não foi assim tão branda como Gilberto Freyre afirmou na sua obra Casa grande e Senzala.

4.3 A Capoeira e o fazer Pedagógico

TEXTO DO MEC

A Capoeira Também Educa

“Atualmente, pedagogos, sociólogos e pesquisadores na área da Educação, são quase unânimes em afirmar que a educação crítica de um povo não pode se desvincular do contexto sócio-cultural deste, nem tampouco, de sua realidade presente”.

(...)

A participação da cultura popular nos conteúdos curriculares está tomando dimensões cada vez mais abrangentes. Certamente, urge a necessidade de se abrir uma brecha nos currículos para àqueles que fazem a cultura do homem real, o homem popular, o que vive o dia-a-dia dos conflitos sociais, àquele que vem resistindo de geração a geração aos desmandos dos “grandes vultos” e dos políticos hediondos. E a capoeira está aí, com todo o seu exuberante acervo de informações, sua riqueza simbólica, seus movimentos de resistência que denotam claramente a nossa conflituosa trajetória política, impregnada de abusos de poder e dominações.

A capoeira está também com o movimento corporal, com a música, a improvisação, a arte, a dança, a liberdade, a luta de classes, enfim, numa roda de capoeira, ou outra atividade inerente a sua prática, encontram-se todos esses elementos que, certamente fazem parte do cotidiano de cada um, que se forem explorados de maneira efetiva e coerente, contribuirão, obviamente, para a instrução e a educação das nossas crianças, dos nossos adolescentes e adultos. (...) ⁸.

Muitas décadas se decorreram para que a capoeira superasse esse estigma de mazela social. Pode-se afirmar que a história da capoeira nos últimos anos tem sido de uma trajetória de quebra de barreiras sociais. Aos poucos foi buscando seu reconhecimento como lutar genuinamente brasileira, como peça do folclore nacional, sem esquecer seu potencial como instrumento educativo importantíssimo para a consciência de nossa cultura.

⁸ - MEC. INEP. ALFABETIZAÇÃO E CAPOEIRA, Jornal do professor de 1º grau, Brasília – DF, Setembro de 1986, Cartilha, p. 08.

O desenvolvimento técnico-pedagógico dos professores de capoeira nas últimas décadas foi imenso, e não para de ocorrer. O mercado cada vez mais exigente foi fazendo com que os profissionais se sentissem na necessidade de aperfeiçoamento de suas técnicas e da maneira de dar aulas. O contato com professores de disciplinas sistematizadas como Geografia, Ed. Física, Ed. Artística e História, tem exigido dos capoeiristas um imenso esforço de atualização e sistematização de seus conhecimentos de modo a transmitir para seus discípulos.

A capoeira pode se integrar aos currículos escolares, sem a conotação de um simples passatempo, podendo dialogar com os eixos temáticos da educação fundamental dentro da área de Ciências Humanas e suas tecnologias, linguagens e suas tecnologias bem como na educação infantil, pois, de acordo com a **BNCC** as interações e brincadeiras são consideradas eixos estruturantes na educação infantil, onde o interagir e brincar caracterizam o cotidiano da infância, proporcionando muitas aprendizagens e potenciais de desenvolvimento integral. Nas aulas de capoeira para educação infantil as crianças terão a possibilidade de conviver, brincar, participar, explorar, expressar seus sentimentos e emoções por meio das linguagens artísticas e corporais, possibilitando o desenvolvimento de habilidades cognitivas e motoras.

Desta feita, a capoeira pode funcionar como intermediadora na aplicação da Lei 11.645/2008 altera a lei 10.639 /03 que por sua vez alterava a LDB (9394/96) e determina a inclusão no currículo da rede oficial de ensino, fundamental e médio, em instituições públicas e particulares à obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira e Africana”.

Tal conteúdo refere-se ao estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional tendo como objetivo resgatar a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política.

De acordo com essa Lei, os conteúdos a que se refere serão ministrados em todo o currículo escolar, mas especialmente nas disciplinas Educação Artística, Literatura e História Brasileiras e deve ser feito por diversos meios, ou seja, em atividades curriculares ou não. Devemos salientar ainda a existência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana de 2004, que:

[...]constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática.(p. 31)

Apesar de todo esse aparato legal, LDB, PCN e Leis, percebe-se que são poucas as ações da sociedade civil e do poder público que contemplam o cumprimento da referida lei. Isso pode ser observado em determinadas universidades que salvo algumas, licenciaturas em História não adequaram os currículos das demais licenciaturas no que diz respeito a essa temática.

É notável também o desinteresse por muitas secretarias de educação que não fiscalizam as instituições de ensino particulares e públicas, e no caso das Escolas tanto as públicas quanto as particulares não oferecem subsídios necessários como materiais didáticos e formação continuada dos professores. Para agravamento desse lamentável episódio pesquisas apontam que a maior parte do corpo de docentes do ensino básico das redes pública e particular desconhece, ignoram, ou não sabem como pôr essa lei em prática.

Os conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana podem ser trabalhados de diversas maneiras que vão além da aula expositiva e do uso do livro didático, para tanto podemos utilizar filmes, músicas, ilustrações, capoeira, fotografias, cordéis, pinturas, etc. No entanto, o uso de qualquer um desses materiais requer um planejamento adequado. Segundo Bettencour (2009, p. 255):

O rompimento com as formas tradicionais de trabalhar os conteúdos escolares não é uma tarefa fácil. Alguns especialistas do tema da interdisciplinaridade educacional, como é o caso de Ivani Fazenda, destacam a importância do engajamento do docente, enfatizando a necessidade de mudança de postura ante o conhecimento escolar, para que seja possível a realização de um trabalho interdisciplinar nas escolas. A organização curricular mais recente oferece algumas possibilidades, como no caso das propostas com temas transversais. As dúvidas, no entanto, permanecem, e ao acompanharmos as práticas escolares nas escolas, percebemos a dificuldade de efetivação de trabalhos dessa natureza.

Quero destacar aqui o trabalho de João, Dário Pereira (Mestre Dário) trabalho este que nos faz refletir sobre a urgência e a necessidade da capoeira esta inserida no contexto escolar, dessa forma buscando um equilíbrio entre o que esta dentro e fora da escola, entre o popular e o acadêmico e conseqüentemente melhorando a educação para as relações étnico-raciais na escola e na comunidade, contribuindo para a diminuição do racismo, salientamos que as aulas de capoeira ministradas como componente curricular escolar não podem ser iguais as aulas ministradas no ginásio, na quadra da escola ou na associação do bairro, como bem destaca o autor.

João destacou ainda que a escolha da/o professora/o pela maneira de abordagem dos conteúdos em sala de aula é um ato político e que por tanto, essa escolha por parte do professor tem que leva em consideração fatores que ao desenvolver as atividades produzam conhecimento científico com os alunos, e ao mesmo tempo possa contribuir para as relações dos mesmos com outros alunos, professores, equipe de apoio, equipe técnica e gestão de modo que ao abordar a prática da capoeira em sala de aula optou-se pela pedagogia de projetos que possibilitou realizar atividades capazes de auxiliarem na superação de situações de discriminação e combate ao racismo, levando em consideração os conhecimentos prévios que os alunos de sua turma já tinham da prática da Capoeira Angola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa, teve o intuito de tentar responder as nossas inquietações de como a capoeira pode ser incluída e ensinada enquanto prática de uma educação antirracista? E para buscar responder, nos baseamos nas práticas da capoeira associadas no processo pedagógico na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, na cidade de JuazeirinhoPB.

Ao longo do desenvolvimento desse trabalho, percebemos o grande potencial pedagógico da prática da capoeira para diminuir o racismo dentro e fora dos muros da escola, aumentando a autoestima das crianças afro descendentes tem se mostrado muito eficaz.

A capoeira nasceu no Brasil no período colonial, sofreu fortes repressões no início do período republicano, onde seus principais registros se encontravam nas penas dos escrivães de policia, tornou-se símbolo de resistência da cultura negra contra a cultura esmagadora do branco colonizador Europeu, seu reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro, bem como, as contribuições que pode oferecer no processo ensino/aprendizado da história e cultura afro-brasileira.

A prática da capoeira no contexto educacional pode atuar tanto no ensino infantil quanto na educação básica. Dentro da educação básica a pratica da capoeira esta associada ao ensino da História da África e dos povos africanos, bem como da historia do Brasil, pois, a historia da capoeira está entrelaçada com a história do Brasil e a formação do povo brasileiro, pode-se ainda contribuir com as disciplinas de geografia, artes e linguagens, pois, os movimentos da capoeira são riquíssimos em linguagem corporal aonde um capoeira consegue compreender e fazer a leitura dos movimentos corporais sem que seja necessário que se diga vai para a direita ou para esquerda, ali os corpos se entendem entre si.

A prática da capoeira na educação na Educação Infantil, tem por base o fato de que nessa etapa do desenvolvimento das crianças as aprendizagens têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, e a capoeira possibilita e assegura as crianças os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, nesse sentido, o ensino da capoeira está associado aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

A prática da capoeira ainda se falando em educação infantil, conforme preceitua a BNCC, vem trazer sua contribuição aos eixos temáticos conviver, possibilitando a ampliação do conhecimento de si e do outro e ainda contribui com o eixo brincar com diferentes parceiros ampliando e diversificando seu acesso as produções culturais.

A capoeira ainda possibilita as crianças explorar diversos movimentos desde os mais simples aos mais complexos como a ginga e a estrelinha, possibilita ainda explorar diversos sons, pois, a capoeira é praticada ao som de berimbau, pandeiro, atabaque, agogô e reco-reco com isso possibilita ao seu praticante explorar diversos sons.

A capoeira associada ao ensino da educação infantil e básica tem contribuído para a construção de uma identidade do educando nos aspectos pessoais, social e cultural e com isso ela tem conseguido construir principalmente em jovens e crianças negras, uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento tanto dentro do convívio escolar, como em seu contexto familiar e comunitário.

A caminhada chega ao fim, em um momento que não é o último, e sim uma pausa para iniciar outra caminhada, aprendendo e reaprendendo, gostaríamos de reforçar o apelo aos Professores, Instrutores e Mestres, principalmente aos mais jovens que busque está sempre se aprimorando, pois, os praticantes da capoeira tem se tornado a cada dia um público mais exigente e como bem falou, de João, Dario Pereira (Mestre Dario), o ensino da capoeira dentro da sala de aula não é o mesmo ensinado na quadra ou no ginásio da escola, o ensino na sala de aula requer um planejamento e uma abordagem com conhecimentos mais técnicos, porém, sem deixar de lado a conservação das tradições e dos rituais que envolvem a prática da capoeira, como o respeito ao mestre e aos mais velhos.

REFERENCIAS

ADORNO, Camille. **A Arte da Capoeira**. Goiânia/GO: Gráfica e Editora Kelps –6ª edição, revista e atualizada: maio/1999 - 1ª edição: 1987.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de uma história do negro no Brasil / Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ARREGUY, Marília Etienne; COELHO, Marcelo Bafica; CABRAL, Sandra. **Racismo, capitalismo e subjetividade**: leituras psicanalíticas e filosóficas. Niterói-RJ, 2018

ASANTE, M.K. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: Nascimento, E.L. (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BARROS, Manoel de-“**Capoeira-Qual é a sua?? Angola, Regional ou Contemporânea**”. Disponível em: <http://www.ime.usp.br/~salles/ceaca/cap01.html>.

BETTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de Historia**: Fundamentos e métodos-3ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. **A África está em nos**: Historia e cultura afrobrasileira. João Pessoa, PB. Editora. Grafset, 2004.

BRASIL. MEC. INEP. ALFABETIZAÇÃO E CAPOEIRA, Jornal do professor de 1º grau, Brasília – DF, Setembro de 1986, Cartilha, p. 08. Disponível em: http://www.capoeirapedagogica.com.br/index.asp?a=projeto&c=projeto_importanciapedagogica.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: história /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC /SEF, 1998.

BRASIL. Lei nº. 9.394, de 20/12/1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União. Brasília: Gráfica do senado, 1996.

BRASIL. Lei Federal nº. 10.639, de 9/01/2003. **Estabelece a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira no currículo da Rede de Ensino no Brasil**. Brasília: Gráfica do senado, 2003.

COSTA, Emilia Viotti. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 8. Ed. Revisada e Ampliada São Paulo: Fundação UNESP, 2007.

CHALHOUB, Sidney. **Visões de liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. In.: **Revista Portuguesa de Educação**. Braga-PT, v. 16, n. 2, 2003, p. 221-236.
IPHAN REGISTRA CAPOEIRA COMO PATRIMONIO CULTURAL BRASILEIRO.
Disponível em: www.cultura.gov.br/site/2008/07/15/iphan-registra-capoeira-comopatrimonio-cultural-brasileiro.

JOÃO, Dario Pereira. **A CAPOEIRA ANGOLA NO ESPAÇO DA ESCOLA**: uma experiência da prática da capoeira na EEEF Ana Higina, -João Pessoa: UFPB, 2019. 63f.

MOCELLIN, Renato. **Brasil**: Para compreender a História/5ª Serie. São Paulo. Editora Brasil, 1997.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

PASTINHA, Vicente Ferreira. **Capoeira Angola Mestre Pastinha**- 3ed (Fac-similar). Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1988.

PINATTI, Djalmir e OLIVEIRA SILVA, Gladson de. **Capoeira**: A arte marcial do Brasil. 2 vols., São Paulo, Editora Três, 1984.

REGO, Waldeloyr. **Capoeira Angola**: um ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapoã. 1968.

SABIÁ-Mestre de Capoeira. João Pessoa: Grafiset.2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Carlos Eugênio Libano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro**. 2 ed. Revisada e ampliada. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP/Centro de pesquisa em Historia Social da Cultura, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na intimidade. In: Novais Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Mortiz, **História da vida privada no Brasil 4**: Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo, Cia das letras, 1998.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba**: Corpo de mandiga. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

OLIVEIRA, Maria do Socorro Xavier de. **Capoeira educa sim, do grandão ao “pequenininim”**: presença da cultura afro-brasileira na educação infantil / Maria do Socorro Xavier Oliveira. – João Pessoa: UFPB, 2017. 65f.

WEBGRAFIA:

<http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/pastinha-filosofia-da-arte-luta.html>

<http://www.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>

www.capoeirabadauê.com.br,

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

ANEXOS

ÍNDICE DOS ANEXOS

Anexo-A	fotos das aulas práticas.
Anexo-B	imagens dos instrumentos usados na capoeira Angola.









Pandeiro



Atabaque



Reco-reco



Berimbau



Agôgo



Caxixi.